

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)
CURSO DE PSICOLOGIA

Maria Gatto Rossi

O sujeito e a paixão como um sintoma: um olhar psicanalítico a partir de "Paixão Simples" por Annie Ernaux

SÃO PAULO

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)
CURSO DE PSICOLOGIA

Maria Gatto Rossi

O sujeito e a paixão como um sintoma: um olhar psicanalítico a partir de “Paixão Simples” por Annie Ernaux

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação do Prof. Ricardo Radin Bueno.

SÃO PAULO
2024

AGRADECIMENTOS

Ao Ricardo pela orientação e paciência; aos meus pais pelo apoio; e à minha amiga querida que me ajudou imensamente na formalização deste trabalho.

RESUMO

Em seu livro autobiográfico, a escritora francesa Annie Ernaux relata o relacionamento amoroso que teve com um diplomata russo, um homem mais novo e casado. Ao longo de sua narrativa ela descreve os sofrimentos e angústias que acompanham sua paixão, uma vez que a falta de constância e reciprocidade por parte de seu amante não amenizam seu desejo de vê-lo. Assim, a partir da perspectiva psicanalítica, principalmente de Freud e Lacan, o presente trabalho procura explorar os desdobramentos da constituição do sujeito, especialmente da mulher, que acarretam na forma pela qual ele vai se relacionar com os objetos. O entendimento dos conceitos de pulsão, sintoma, fantasia e falo foram pontos de partida para o debate. Para tanto, os livros de Marco Antonio Coutinho Jorge, "Fundamentos da Psicanálise" (Vol. 1 e 2), e o Dicionário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis foram de extrema importância para compor o corpo de referências teóricas. Além disso, o texto "Amar adentro" da psicanalista Dominique Fingermann e, principalmente, o livro "Amor paixão feminina" de Malvine Zalcborg, são as bases utilizadas nas discussões temáticas que abordaram: feminilidade, desejo, amor e gozo.

Palavras-chave: paixão; psicanálise; literatura.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Método	12
3. Capítulo 1: Paixão como sintoma	14
3.1 O sintoma	15
3.2 A paixão	21
4. Capítulo 2: A fantasia	26
4.1 A relação com o objeto	33
4.2 O objeto perdido e o significante fálico	34
5. Capítulo 3: A mulher apaixonada	39
5.1 O erotismo	39
5.2 O amor	42
6. Conclusão	46
7. Bibliografia	49

1. Introdução

"A partir do mês de setembro do ano passado, tudo que eu fiz foi esperar um homem"

(Ernaux, 2023, p.13)

Em "Paixão Simples", livro publicado pela primeira vez em 1991, Annie Ernaux relata seu romance com um diplomata – casado – a quem ela denomina "A". Ao narrar seu relacionamento, a escritora francesa descreve como esse homem e a experiência amorosa a consomem. Elementos da vida cotidiana, familiar, profissional, social e cultural, são mencionados apenas esporadicamente, e somente quando articulados com a paixão. Nesse contexto, a vida comum se torna um obstáculo, um eco ou mesmo um substituto para o amor físico, destacando a intensidade e a centralidade da paixão na narrativa.

Renato Mezan (2017), ao apresentar a pessoa romântica como alguém que não liga para o mundo, e considerando a hipótese de que o sujeito "vive no desassossego e na insegurança, para não dizer no desespero: aquele ou aquela a quem ama não lhe retribui o sentimento" (p.170), afirma:

(...) o estado de alma romântico se caracteriza pelo desejo necessariamente insatisfeito de possuir um objeto inalcançável, ao mesmo tempo que não pode deixar de perseguir tal objeto: o romântico sofre porque tropeça no obstáculo maciço representado pela indiferença daquele ou daquela a quem entregou seu coração (p.170).

Marília Aisenstein, em seu artigo "Amor e paixão: algumas questões em aberto" (2018), o qual escreveu com intuito de questionar diferenças entre *amor* e *paixão*, explora um pouco de "Paixão Simples". Ela menciona o livro de André Green, "Paixões e suas vicissitudes" (1990), para retomar que o apaixonado deixa de ser agente para se tornar

paciente da própria paixão, característica substancial de Ernaux. Aisenstein (2018) discorre:

Quanto mais o leitor avança no texto, mais lhe espanta a repetitividade, a fixidez de cenas imprecisas, essencialmente cruas e sexuais. Embarcada no metrô, a personagem repete incansavelmente as palavras de um pedido de felação, a ponto de esquecer para onde ia. Essa mulher luta ativamente contra tudo o que poderia distraí-la de sua obsessão, como se qualquer enriquecimento da vida fantasística contivesse um perigo. Não escuta mais música clássica, só lê o horóscopo e escolhe certos filmes antigos já vistos, como o império dos sentidos. Ela é tomada pela espera, não de um homem, mas de uma encenação ou de uma atuação, constantemente a mesma (p.197).

Nesse sentido, como nossas relações com o outro são organizadas a partir de determinados arranjos das pulsões, esse trabalho visa explorar os componentes pulsionais que constituem uma vivência amorosa, levantando um questionamento da paixão como um sintoma. Essa ideia parte da aparente indiferença que seu amante sente por ela, embora isso não seja vivenciado como um obstáculo na relação. Aqui confere-se a ideia do sintoma como uma contradição. Ela prefere o sofrimento das incertezas que contornam a relação do que a inexistência da mesma. Ernaux (2023) diz: "Gostaria de não ter mais nada a fazer a não ser esperar por ele" (p.17); ou seja, como ela mesma coloca, a angústia é prazerosa. Antes de adentrar nos entrelaces do livro e da sintomatização da paixão vivida pela escritora, torna-se necessário passar por alguns conceitos centrais no que diz respeito às pulsões.

Em 1915, no texto "As pulsões e seus destinos", Freud (1915/2013) se debruçou sobre as características e desdobramentos da pulsão, complexificando seu conceito. Antes disso, o termo apareceu em "Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade" (1905/2016) quando ele fala das *aberrações sexuais* – forma como nomeia as manifestações sexuais perversas, que usam o objeto para satisfações não genitais e compulsivas (p.20).

Após debater sobre as origens fisiológicas desse estímulo, Freud (1915/2013) se concentra nas implicações e origens psíquicas, *anímicas*. A respeito disso, o psicanalista Gilson Iannini¹ coloca que a “pulsão é ‘anterior’ ao próprio aparelho psíquico: ela é o elemento de ligação entre o corpo e a psique” (p.95). Logo de início, Freud (1915/2013) coloca que tal estímulo pulsional pode ser identificado como uma necessidade, necessidade esta cessada pela satisfação da mesma. Além disso, são quatro os elementos da pulsão: primeiro, o *impulso*, sendo este o “elemento motor, a soma de força ou a medida de trabalho” que a pulsão representa (Freud, 1914-1916/2010, p.57); a *meta* da pulsão, que é de sempre se satisfazer, acabando com o estado de estimulação; a fonte, que é o processo somático que ocorre no corpo e tem seu correspondente psíquico o instinto²; por fim, é através de um *objeto* que a meta é atingida. Como Freud disse, “é o que há de mais variável na pulsão, não estando originalmente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação” (Freud, 1914-1916/2010, p.27). Isto é, o objeto pode ser substituído. O objeto não é aglutinado à pulsão; ele é encontrado e a ele é dado o status de objeto quando é plástico o suficiente para gerar a experiência de satisfação e de prazer.

Ademais, Freud (1915/2013) coloca quatro com os possíveis destinos da pulsão: a reversão em seu contrário, o retorno em direção a própria pessoa, o recalque e a sublimação (p.35). De modo geral, primeiro é descrito como uma mudança de atividade à passividade e inversão do conteúdo. O psicanalista apresenta como exemplo o voyeurismo-exibicionismo e sadismo-masochismo. Isto é, a meta de afligir é trocada pela meta passiva de ser afligido por, como exemplo. Já o segundo se confere como uma troca de objeto sem trocar a meta. Ainda usando como exemplo o sadismo-masochismo, entende-se o masochismo

¹ No capítulo "Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito em FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

² O termo "instinto" por vezes será utilizado respeitando a escolha de Paulo César de Souza, tradutor das Obras Completas de Freud pela Companhia das Letras – edições utilizadas como base no presente trabalho.

como a mesma coisa, mas voltada ao próprio Eu (Freud, 1915/2013, p.37).

Em relação aos conceitos da pulsão, a princípio, Freud as distingue entre *pulsões do ego* e *pulsões sexuais*, e em "Além do Princípio do Prazer" (1920/2010) as substituiu pela *pulsão de morte* e *pulsão de vida*. Como explica Marco Antonio Coutinho Jorge (2022a), nesse primeiro dualismo, os dois grupos de pulsão contornam a questão da reprodução: "as pulsões de autoconservação realizam as funções de preservação do indivíduo, como a alimentação, ao passo que as pulsões sexuais realizam as funções de manutenção da espécie" (p.49). É a partir da pulsão de conservação que deriva a energia que o Eu precisa para se defender da sexualidade (Laplanche e Pontalis, 1992, p. 396). Ainda, como colocou Ernst Simmel (1944/2021), é essa pulsão que quer manter o Eu como uma unidade íntegra; isto é, indica a "(...) tendência do eu de se manter livre da angústia" (s/p). Colocando essas duas sob o âmbito da pulsão de vida, Freud as opõe à pulsão de morte, cuja principal característica é o desligamento do objeto.

O que motivou Freud a pensar o conceito de pulsão de morte foi a necessidade de explicar os traços de compulsão e repetição. Ainda, Coutinho (2022a) explica a ideia de que a pulsão de morte, como toda pulsão, possui uma natureza conservadora, apontando para a tendência de voltar ao estado inorgânico, uma vez que o "o ser vivo surgiu do ser não-vivo" (p.61). Tal característica conservadora e reparadora da pulsão foi discutida em relação à compulsão à repetição, sugerindo que essa tendência surge do *impulso de restaurar um estado anterior*. Além disso, é na pulsão de morte que, para Freud, estaria a resposta do porquê Ernaux não desistir de seu relacionamento repleto de angústias: "como é possível que situações cujo teor é eminentemente desprazeroso para o sujeito possam se repetir de modo continuado?" (COUTINHO, 2022a, p.61).

Em relação à como Lacan enxerga elementos da pulsão de morte, Coutinho (2022b) clarifica:

Alguma coisa acontece que nos permite lidar de uma forma diferente com esse alvo da pulsão de morte: o gozo. Essa alguma coisa é a fantasia. Ela surge a partir de uma operação chamada recalque originário, operação agenciada por um significante: o Nome-do-Pai. O recalque originário resulta para o psiquismo da criança na instauração dessa matriz psíquica: a fantasia. Esta, por sua vez, vai fazer com que aquilo que era empuxo-ao-gozo, como diz Lacan – pulsão de morte, empuxo na direção da morte –, seja freado e passe a ser uma região na qual a pulsão de morte é sexualizada. Nessa região, a fantasia passa a dominar pelo menos um segmento dessa pulsão de morte (p.76).

Como é descrito no livro, são as fantasias relacionadas ao amante que ocupam a angústia de Ernaux (2023): o que ele deve estar fazendo, o que será que ele pensa de mim, quando ele vai me ligar, como vai ser quando ele vier, como vai ser quando ele for embora. Porém,

(...) a fantasia é o efeito mais imediato do fato de haver insatisfação – constante – da pulsão, é a ela que recorreremos continuamente na tentativa de apaziguar um pouco a radical demanda de satisfação da pulsão (COUTINHO, 2022b, p.66).

Em outras palavras, é mais vantajoso para Ernaux que as fantasias relacionadas ao amante a consumam completamente, em vez de buscar satisfação através do ato real de encontrá-lo, dado que isso ocorre com menos frequência do que desejado. Ainda, retomando a relação com o objeto na paixão: para Lacan, o desejo não possui objeto, mas a fantasia é o suporte do desejo na medida em que ela o fixa numa certa relação estável com determinado objeto (COUTINHO, 2022b, p. 76).

Ao retomar o aspecto objetal da pulsão, vale pensar como isso é articulado no contexto das relações amorosas. Primeiramente, destaca-se que, num relacionamento, há uma tendência de fixação da libido no objeto de desejo. Devido a esse demasiado investimento libidinal, pode ser que a vida do sujeito fique restrita, de modo idealizado, ao objeto amoroso. Isso faz com que, uma vez tendo alcançado o objeto, o sujeito se veja sem propósito. O que acontece no funcionamento pulsional é que o objeto alvo costuma ser simultaneamente fácil e difícil de ser alcançado, de modo que se desenrola uma espécie de desafio atingi-lo. É isso que se configura na paixão o objeto tão longe e tão perto ao mesmo tempo. Para

de fato ter acesso a ele, o sujeito deve fazer renúncias. Nesse caso, parece que a renúncia de Ernaux é à uma vida sem sofrimento. Ela diz que quando considerou terminar o relacionamento por não aguentar mais “ficar a mercê de uma chamada” (2023, p.35), por exemplo, sempre concluía que o que viria depois do término seria uma “sequência de dias sem nada para esperar” (2023, p.35). Para ela, isso seria pior que sofrer por A.

Na dinâmica de uma relação de paixão, é como se o objeto de busca estivesse fixado. Então, a única satisfação, e a vida do sujeito, fica restrita a essa existência do outro – como ideal. A idealização, por sua vez, é quando há um investimento concentrado em um objeto, que o eleva e supervaloriza. Em termos pulsionais, seria um excesso de libido direcionada ao outro, não sobrando para si mesmo. Pode-se dizer que, uma vez alcançado esse objeto ideal, a condição idealizada se perde e é justamente nessa condição que o sujeito deseja ficar. Nessa busca passional interminável, a vida vira apenas desejo.

Em relação ao terceiro possível destino da pulsão, o recalque, Laplanche e Pontalis (1992, p. 430) apontam como este acontece quando a possibilidade de satisfação de uma pulsão envolve o desprazer de outras *exigências*, como morais e/ou sociais. Ou seja, quando algum conteúdo provoca o surgimento do desejo insuportável e incompatível com os ideais do ego. Tal conteúdo – e, conseqüentemente, a pulsão atrelada à ele – é mantido no inconsciente. Assim, o recalque organiza o funcionamento pulsional.

O quarto e último possível destino da pulsão é a sublimação. Freud coloca:

A experiência também nos permite falar de pulsões “inibidas em sua meta” em processos que são tolerados durante uma parcela de seu caminho rumo à satisfação pulsional, mas que depois experimentam uma inibição ou desvio. Pode-se supor que mesmo a esses processos esteja ligada uma satisfação parcial (1915/2013, p.25).

O processo de sublimação se dá justamente através desse mecanismo: ocorre uma mudança na meta da pulsão; a meta deixa de ser sexual. A sublimação transforma o desejo em algo adiado, como o trabalho ou arte. Seria uma forma de satisfação não relacionada à reprodução e ao genital que envolve a participação de um outro completo e a captura deste, inaugurando um novo tipo de circuito pulsional não orientado nem ao orgasmo nem à compulsividade.

Tomando a leitura lacaniana de Freud, há menção de como aquilo que é sublimado seria a meta da pulsão; a descarga pulsional não se daria através de um objeto diretamente sexual. Portanto, se o destino pulsional muda, mas a satisfação ainda acontece, como se dá, de fato, tal sublimação? Como Metzger (2014) esclarece, tal paradoxo pulsional na sublimação é o que ilustra a dessexualização da pulsão. Ou seja, a pulsão continua tendo uma essência sexual, porém sua flexibilidade em questão de objeto permite que esses não sejam diretamente cobertos das intenções sexuais originais. Metzger (2021), elabora:

De forma geral, dizemos que a meta da pulsão é sempre a satisfação. Mas se há uma satisfação não direta da pulsão, podemos falar em mudança da meta, ou seja, mudança no modo como a descarga pulsional vai ocorrer. A meta que antes era a satisfação direta agora é a satisfação via sublimação. O que fica em evidência aqui é a característica de "elevação" da sublimação, no sentido de um refinamento que dilui o que é da ordem do mais diretamente sexual, sem excluir a satisfação sexual, que é assim atingida de forma indireta. Na sublimação, ocorreria, portanto, a dessexualização tanto da meta quanto, a partir de 'Pulsões...', também do objeto, não se tratando, contudo, da dessexualização da pulsão (p. 41).

A sublimação, então, se apresenta a partir da cultura, como um destino pulsional destinado a ajudar o sujeito a se proteger do sofrimento derivado do excesso pulsional e da impossibilidade de descarregar diretamente todo esse excesso (METZGER, 2021, p.36). Coutinho (2022a) acrescenta que, para Freud, são atividades sublimadoras a atividade artística, a investigação intelectual e os esportes.

2. Método

No começo de seu livro, Ernaux (2023) declara: “tampouco tenho a intenção de buscar a origem dessa paixão em minha história remota, que um psicanalista me levaria a reconstituir (...)” (p.23). Assim, o objetivo dessa pesquisa não é analisar a história ou as ações da autora. Mas sim, através de sua escrita – tão cara à psicanálise – e de seu relato, propor uma reflexão acerca de como o modo do sujeito se relacionar enquanto apaixonado pode dizer de seu funcionamento e constituição psíquica.

Fernando Aguiar, em seu artigo “Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise” (2006), fala da necessidade de aproximar a psicanálise de disciplinas que são comumente afastadas dela, como a sociologia, antropologia e etnologia. Isto é, estabelecer o lugar da psicanálise na pesquisa, cimentando seu lugar na ciência, na qual “a psicanálise é uma forma de investigação” (p.109), desde sua criação, considerando como a intenção sempre foi desvendar os mistérios do inconsciente e seus desdobramentos no cotidiano.

Entende-se a pesquisa como a exploração de uma questão real e relevante, que produz conhecimento como tal, além de passível de ser corrigido e revisado. Assim, é necessário colocar que a investigação na psicanálise é sempre qualitativa, uma vez que o objeto de estudo é o inconsciente. Por consequência, a averiguação se dá através da interpretação das manifestações do mesmo (AGUIAR, 2006).

Nesse caso, foram feitas leituras principalmente dos textos de Freud, Lacan – a partir de seus comentadores, principalmente Mário Antônio Coutinho Jorge (2022). Também, para além do uso de termos lacanianos, foi de extrema importância a leitura do livro de Malvine Zalcberg, “Amor paixão feminina” (2007), que tão didaticamente esclarece as diferenças da sexualidade e sexuação na mulher e no homem. Além disso, foram lidos artigos de psicanalistas que discutem os desdobramentos de conceitos da psicanálise e suas articulações no que diz respeito ao funcionamento do sujeito perante relações amorosas.

Nesse sentido, essa pesquisa segue a categorização de Aguiar (2006): uma pesquisa *com* psicanálise, em que há um uso associado do método psicanalítico. Isto é, uma articulação de estratégias e categorias psicanalíticas com estratégias e técnicas de outras abordagens de pesquisa empírica³.

³ Notas de aula a partir da fala do Prof. Ricardo Radin Bueno na eletiva de pesquisa "Pesquisa em Psicanálise" ministrada em 2021.

3. Capítulo 1: Paixão como sintoma

"Não quero explicar minha paixão - o que me levaria a considerá-la um erro ou um transtorno do qual seria preciso me justificar -, só quero mostrar o que ela é"

(Ernaux, 2023, p.24)

Para começar a tentar relacionar paixão e sintoma, observemos esse trecho de Marco Antonio Coutinho Jorge:

Mas a fantasia tem dois lados: ela é uma salvação, mas também é patogênica. Pelo próprio fato de ter salvado o sujeito da derrelição absoluta à qual estava fadado pela pulsão de morte, ele vai agarrar-se a ela com unhas e dentes – isso mantém uma relação com o que Freud chamava de fixação. Agarramo-nos à fantasia com tanta intensidade que a tornamos o reduto mais importante de nossa vida e passamos a produzir uma série de "sintomas", que consistem na perpetuação constante da nossa relação com a fantasia (2022b, p. 82).

Essa citação suscita uma questão em relação à experiência de Ernaux. Nos diversos momentos em que ela afirma saber que seu amado não sente a mesma coisa – como quando ela diz que "anotava com avidez as frases que considerava serem sinais de ciúmes dele" (2023, p.28), pois eram, ao seu ver, as únicas provas de que ele sentia um amor por ela –, podemos concluir que, então, o apaixonamento é uma experiência que vai além das características tangíveis do objeto em questão. Será que a reciprocidade não era essencial afinal? A experiência dela, apesar de dolorosa, seria suficiente por si só?

A observação de Coutinho Jorge (2022b) possibilita uma reflexão sobre se o mundo da fantasia é superior ao "mundo real". Seria possível que, para preservá-lo intacto, Ernaux tenha desenvolvido maneiras de continuar a viver nele, mantendo assim a ideia de uma paixão como algo singular, mesmo que não vivenciada da mesma forma mútua e sintonicamente com o objeto de desejo? Ao falar das restrições que A.

impunha – não telefonar, não enviar cartas, não dar presentes difíceis de justificar – ela afirma não se revoltar. Não só isso, ela descreve ouvir a voz de A. dizendo seu nome e perguntando “vamos nos ver?” como sendo “um dos momentos mais belos” que já viveu (ERNAUX, 2023, p.29), mesmo considerando que A. demorava muito para ligar – isso quando o fazia. É de se questionar como essa conformidade com a falta de entusiasmo de seu amante, as regras que lhe demandavam não demonstrar sua paixão, e a aparente falta de pressa em vê-la, não eram motivos para se afastar dele.

Por isso fica a interrogação: poderia ser a paixão um sintoma? No sentido de não se tratar tanto do objeto em si, mas sim da experiência de se apaixonar – e que tipo de relação com o objeto é essa. Verifica-se que há uma diferença constitutiva da mulher e do homem que afeta diretamente a articulação do sujeito apaixonado. É essa questão que nos interessa aqui e que será abordada mais adiante no trabalho.

3.1 O sintoma

“Quando ele ligava para marcar um encontro, sua ligação mil vezes aguardada não alterava nada, eu continuava na mesma tensão dolorosa de antes. Eu havia entrado num estado que mesmo o dado real de sua voz não era capaz de me deixar feliz”

(Ernaux, 2023, p.34)

Brevemente, é interessante mencionar como o conceito de sintoma começou na obra de Freud. Como Pierre Kaufmann (1996) retoma, Freud se encontrou diante do desafio moderno fundamental dos limites do poder da fala e, conseqüentemente, da compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor. Diversos questionamentos levaram a um debate entre os conceitos de “doença” e “cura”, pois a cura implica uma aceitação dos limites inerentes a esse poder. A cura, então, parece inevitavelmente

surgir do sintoma, pois requer renúncia tanto ao objeto de desejo quanto à própria identidade. Por outro lado, a "doença" parece estar associada à tentativa de evitar esses limites, conceituada no mito edipiano como "castração", onde o acesso ao prazer sexual requer uma renúncia ao desejo primordial (p.478).

Visto tudo isso, Freud colocou em seu texto "Psicanálise selvagem" (1910/2020) que onde o recalque tenta se desfazer, o sujeito se defende criando o sintoma. Além do sintoma, no caso do neurótico, é também através da angústia e inibição que o neurótico se satisfaz. Entende-se que a origem do sintoma como forma de compensar a dúvida. Essa dúvida pode se tornar muitas vezes insuportável, levando o sujeito a usar o sintoma como um escudo. Por exemplo, será que é mais fácil para Ernaux manter uma paixão inabalável em vez de confrontar a evidência da indiferença e falta de reciprocidade de A.? A psicanalista Elisabeth Roudinesco apresenta tal definição freudiana no seu "Dicionário de Psicanálise" (1998):

O sintoma pode estar ou não ligado a uma inibição e, em geral, é o substituto de uma satisfação pulsional não ocorrida: tal como o sonho e o ato falho, é uma formação de compromisso entre as representações recalçadas e as instâncias recaladoras. Assume formas particulares, de acordo com o tipo de patologia: conversão, na histeria, e deslocamento para um objeto externo, na fobia (p.396).

Ainda, é encontrado no dicionário de Laplanche e Pontalis (1992) a seguinte colocação de Freud:

(...) os sintomas têm por objetivo ou uma satisfação sexual, ou uma defesa contra ela, e, no seu conjunto, o caráter positivo de realização de desejo predomina na histeria, e o caráter negativo, ascético, na neurose obsessiva (p.199).

A partir dessas duas citações, temos definições abordando diferentes aspectos do sintoma, mas há um ponto em comum: a satisfação. Enquanto a primeira descreve os sintomas como substitutos de satisfações pulsionais não realizadas, a segunda reforça como o sintoma teria, por natureza, a intenção de obter satisfação e como o modo de

alcançar essa satisfação varia de acordo com a estrutura psíquica do sujeito.

Conforme explicado por Marco Antonio Coutinho Jorge (2022b, p. 66), a persistência da pulsão em buscar satisfação resulta na produção do sintoma, uma forma de gozo presente em toda parte na neurose, que simboliza o retorno da energia pulsional antes reprimida.

Além do mais, a neurose é caracterizada pela forma como a defesa do recalque se manifesta: a libido previamente direcionada para um objeto real, a partir do momento que tal objeto provoca desprazer, é redirecionada para uma fantasia. Me pergunto, aqui, se então é possível concluir que a *relação real* e o *amante real* são a fonte de desprazer para Ernaux, e o amante com o qual ela de fato se relaciona funciona como escape desse desprazer. Penso isso, pois, enquanto o ato de arrumar para ele, arrumar a casa para ele, ficar repassando na cabeça as cenas sexuais e fantasiando possíveis cenários românticos eram motivo de encantamento e a faziam se sentir feliz por estar apaixonada, Ernaux passava grande parte do tempo se preocupando com ações que A. poderia tomar ou não: se ele ligaria ou não, se ia chegar na hora ou não, quando seria o próximo encontro, e se perguntando qual seria de fato a natureza da relação dos dois:

No começo, deduzi por certos indícios – a cara da felicidade, o jeito silencioso ao olhar para mim, o fato de dizer “vim dirigindo como um louco”, ou de me contar de sua infância – que ele sentia a mesma paixão que eu. Essa certeza foi logo abalada. Ele se tornou mais reservado, menos disposto a se entregar (ERNAUX, 2023, p.25).

Em outras palavras, A. está na base material de um conflito interno. Ernaux não sabe exatamente com quem ela se relaciona ou por que ela se relaciona com ele. Os conflitos vão se acumulando. Representações ligadas à A. foram recalçadas, o que faz com que, no inconsciente, ele se torne muitas coisas. Quando Ernaux se reúne com o homem real, tudo isso está envolvido junto. Como isso ainda a afeta? Como isso a implica como mulher? Quando ela encontra o objeto, ela não

tem satisfação porque ele não é só mais o objeto, ele já virou muitas coisas. Ao mesmo tempo, a satisfação de encontrá-lo aumenta a fome por ele, porque aumenta a capacidade dela de desejar – ela se descobre mulher quando está com ele. Tem conflito com a própria maneira de amar.

O que Lacan acrescenta em “Complexos Familiares” (1938/2002) é que a escolha edípica que se apresenta é entre escolher o objeto ou escolher o narcisismo (isto é, escolher manter a integridade do Eu intacta e buscando satisfação a partir disso). O neurótico é aquele que experimenta angústia toda vez que é confrontado com essa escolha. Diante dessa angústia, o neurótico suspende a escolha e recorre à fantasia, conseqüentemente gerando o sintoma. Esse sintoma é uma forma de compensar uma dúvida, que é justamente onde recai a satisfação.

Freud falava da libido do Eu e do objeto, colocando a pulsão como algo que libidiniza o outro e então torna o outro um objeto para o sujeito. Enquanto a idealização é quando o sujeito direciona muito libido ao outro, não sobrando para si mesmo, o narcisismo é o contrário: muita libido no Eu a ponto de não sobrar para o objeto⁴.

Na infância temos um período de auto-erotismo e na vida adulta temos satisfação ligada ao outro (amor objetal). Pois, o desenvolvimento psicosexual vem do auto-erotismo e chega até o amor objetal. Entre esses dois momentos, há uma passagem intermediária: período do narcisismo. A criança não está se satisfazendo somente com a parcialidade de seu corpo, com zonas erógenas desconectadas: ela começa a se tomar como um objeto, de modo que ela inteira passa a ser um objeto de investimento. Na primeira tópica, Freud entende que, sob o olhar dos pais, o ego é precipitado por uma determinada imagem que o sujeito adquire de si mesmo segundo o modelo do outro⁵. Como consta

⁴ Notas de aula a partir da fala do Prof. Ricardo Radin Bueno na matéria "Psicanálise II" ministrada em 2019.

⁵ Notas de aula a partir da fala do Prof. Ricardo Radin Bueno na matéria "Psicanálise II" ministrada em 2019.

em Laplanche e Pontalis (1992, p.288), o narcisismo seria a captação amorosa do sujeito por essa imagem. Já na segunda tópic, o sujeito teria uma primeira vivência do "eu sou" e depois o retorno de investimento libidinal a si mesmo: "a libido que afluí ao ego pelas identificações." O narcisismo é, portanto, a interiorização de uma relação⁶.

Lacan , faz uso do estágio do espelho para falar do narcisismo. É a partir de uma captação amorosa pela imagem do nosso corpo que se forma o Eu. Nesse sentido, Eu é imagem alienante. Pois não somos a imagem do nosso corpo. Como sujeitos, somos muito mais que isso.

O conceito do outro como objeto também é uma construção do sujeito. No estágio do espelho, o outro como ideal é marcado pelo reconhecimento da imagem no espelho, que molda o eu e é formado pela percepção do outro. Um bebê, inicialmente, experimenta prazeres corporais de forma fragmentada, como o mamar. Ao se deparar com sua imagem no espelho, ainda não reconhece a si mesmo, necessitando que alguém aponte e diga: "olhe". Quando se vê como uma figura completa e se reconhece, isso proporciona prazer (júbilo), o que constitui o prazer narcísico, algo inerentemente positivo. A imagem refletida representa um ideal, pois o bebê ainda não se sente completo, gerando a ideia de um eu. No entanto, ele ainda não tem plena consciência de ser completo, como evidenciado pelo fato de ainda não saber andar. Essa lacuna entre ser e não ser inteiro persiste ao longo da vida.⁷

É uma estrutura de três: eu fragmentado, duplo completo, terceiro que chancela e diz "Olhe, é você". Essa imagem narcisista também se torna um dos aspectos do objeto a (de satisfação, causa de desejo), permeado pelo ideal. O outro reintroduz essa sensação de importância, mas é possível permanecer constantemente nesse estado de busca,

⁶ Idem.

⁷ Notas de aula a partir da fala do Prof. Victor Pacetti no grupo de estudos de Freud e Lacan em 2024.

vendo o outro como ideal, sem querer abrir mão desse ideal. Isso, por sua vez, só coloca o outro como paixão.⁸

Assim, entende-se por que o sintoma pode se tornar adverso ao Eu. Quando, através desse sintoma, o sujeito começa a se comportar de uma maneira na qual não se reconhece, sua noção de identidade fica perturbada. Então, o Eu busca criar uma narrativa que explique por que algo aconteceu⁹.

A respeito disso, Maria das Graças Leite Villela Dias (2006) faz um resumo da natureza e da função dos sintomas nas obras de Freud e Lacan. Os sintomas são descritos como expressões de conflitos entre a libido insatisfeita e forças repressoras, representando tanto uma satisfação quanto um sofrimento para o sujeito. Eles são entendidos como realizações de fantasias sexuais inconscientes e servem a um propósito de satisfação real, mesmo que reconhecidos como fontes de angústia. Dias (2006) aponta que a partir do discurso da histérica que Freud entende que "o sintoma tem um sentido, um sentido inconsciente, ou seja, o sintoma diz alguma coisa, mesmo que o sujeito nada saiba disso" (p.400). Além disso, não apenas comunica, mas também serve a um propósito de satisfação, uma "satisfação real" que o sujeito reconhece como sofrimento.

Retomando brevemente a ideia de pulsão de morte, seu papel na repetição e insistência do sintoma fica, então, mais claro. A seguinte esclarece uma possível resposta para a pergunta sobre o porquê de Ernaux insistir em viver, tanto em sua fantasia, quanto na realidade, um relacionamento no qual a paixão é vivenciada unilateralmente.

A pulsão de morte é, em última instância, a responsável pela repetição, fazendo com que se retorne sempre a um mesmo lugar; lugar de sofrimento e desprazer, o qual proporciona uma satisfação paradoxal, para além do princípio do prazer, que faz o sujeito gozar de seu mal-estar, traçando as vias por onde circula. A necessidade de repetir a

⁸ Notas de aula a partir da fala do Prof. Victor Pacetti no grupo de estudos de Freud e Lacan em 2024.

⁹ Idem.

mesma coisa é onde se situa o recurso de tudo aquilo que se manifesta do inconsciente sob a forma de reprodução sintomática (DIAS, 2006, p.401 e 401).

Já para Lacan, o sintoma não se enquadra apenas no registro simbólico, uma vez que "(...) algo resta após o desvendamento do encadeamento significante" (DIAS, 2006, p.405). É esse resto que Lacan chama de "gozo" e então o sintoma passa a ser entendido como uma maneira pela qual o sujeito organiza seu gozo. Por isso, mesmo entendendo o porquê de seu sintoma, o sujeito não abre mão dele.

E, no que concerne a mulher, para melhor compreender a repetição que Ernaux confere ao encontro e relacionamento com A., é útil considerar a explicação fornecida por Malvine Zalcborg (2007):

(...) o gozo feminino pode ter esse vínculo direto e sem resistência com a vida pulsional, o que explica encontrarmos na mulher não só a sexualidade em êxtase e transe, mas também em sua dimensão mortífera. Quando a via da vontade de gozar é deixada livre, sem limite de alguma natureza, revela-se sua face de pulsão de morte. É por aí que se manifesta o excesso feminino. Em outras palavras, podemos dizer que a dor na relação a (p.144).

Lembrando que é o nome que Lacan deu à pulsão de morte, o gozo é aquilo que vem do princípio do prazer juntamente com aquilo que vem de fora e não move o sujeito no sentido do prazer. O que Zalcborg ainda fala é que o sofrimento ao qual a mulher é sujeita enquanto apaixonada a coloca de frente ao gozo não-limitado.

3.2 A paixão

"Tinha certeza de nunca ter vivido nada mais importante na minha vida, nem ter filhos, nem ter passado em concursos, nem ter feito viagens para longe, nada importava."

(ERNAUX, 2023, p.11)

Davy Bogomoletz (2010) lembra como Freud definiu a paixão¹⁰:

Trata-se de um estado no qual o olhar apaixonado desvaloriza intensamente o próprio eu (...). O objeto se torna 'cada vez mais sublime, precioso', usurpando, digamos, 'todo o auto-amor do ego'. O sacrifício de si mesmo torna-se, inevitavelmente, um dos desfechos possíveis do processo quando, segundo o autor, 'o objeto [acaba por] consumir o ego'. Desta forma, as funções do ideal do eu ficam paralisadas (s/p).

Similarmente, Tovar Tomaselli¹¹ faz um passeio pela evolução dos conceitos de amor e paixão, tocando nesse mesmo ponto acima. Ele começa trazendo o que Freud afirmou nas "Conferências Introdutórias" (1916-1917) quando disse que o comportamento de uma pessoa apaixonada se assemelha a de alguém em estado de sono, sendo que "as catexias de objeto, sejam libidinais, como egoísticas são abandonadas e retiradas para dentro do ego" (FREUD, 1917 *apud* TOMASELLI, 2008, s/p). A partir disso, é entendido na Psicanálise que, uma vez apaixonado, o sujeito está sendo orientado exclusivamente pelo princípio de prazer e, então, está longe da realidade. Tomaselli ainda coloca que, na paixão, o outro "(...) não é amado, é incorporado, igualado, indiferenciado ao ego" (s/p). Ele propõe:

Freud nos dá como exemplo, o estado de enamoramento, onde grande parte da libido é investida no objeto, (...): "o ego entrega-se ao objeto". Portanto, tanto a paixão como o amor, estão inseridos no circuito do prazer, muito embora pensemos que a paixão tem a ver exclusivamente com o ego, sendo que o amor tem tudo a ver com o objeto (s/p).

Nessa linha, o que Bogomoletz traz em sua coluna é como, de acordo com a perspectiva freudiana, a paixão implica em um investimento exclusivo no objeto, resultando em uma idealização intensa deste. Freud associa a paixão ao ideal do eu, embora na verdade esteja mais relacionada ao 'eu ideal', o que impede a emergência de outros ideais de

¹⁰ Em coluna postada em 2 de abril de 2010 no Site **Rede Psi**. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2010/04/02/amor-e-paix-o-em-freud-e-winnicott-ou-para-uma-psican-lise-2-0/>.

¹¹ Em coluna postada em 1 de março de 2008 no site **Rede Psi**. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2008/03/01/amor-e-paix-o-sob-a-lente-da-psican-lise/>.

eu. Quando alguém está apaixonado, a idealização transborda e obscurece o ideal de eu, dificultando a percepção da realidade. Não surpreendentemente, na etimologia da palavra paixão consta "sofrimento", segundo o Dicionário Online de Português (Dicio).

Vale retomar, rapidamente, os conceitos de eu ideal e ideal de Eu. O *eu ideal* é o Eu que satisfaz plenamente todas as faltas do sujeito e do outro. É a imagem à qual o sujeito se compara, uma vez que também remete ao amor que o Eu recebeu na infância. Para Lacan, é uma formação imaginária. Já o *ideal de Eu* representa aquilo que o sujeito tem que ser para poder desejar e para poder ser aquilo que se identifica. É, portanto, a imagem que o sujeito busca atingir para poder ter a mesma realização infantil (onde acreditava ter o amor completo dos pais). Na verdade, o ideal de Eu é formado pela convergência do Eu ideal e as influências paternas e sociais¹².

No amor, então, a questão da idealização e narcisismo aparece quando o sujeito ama alguém. Ama, pois, no fundo, esse outro está em um lugar muito próximo ao *ideal de Eu* do sujeito. Também, o lado pelo qual o sujeito se sente amável. Logo, confere-se uma satisfação narcísica.

Em síntese, a partir de uma fala do psicanalista Christian Dunker¹³, o apaixonamento costuma ser um momento perigoso, alienante ou de alta captação imaginária. Se caracteriza pela tomada do outro, pela entrada do outro num lugar previamente determinado na fantasia do sujeito. No encontro com esse outro, certos traços se encaixam nas condições pré-estabelecidas do sujeito de amar alguém, de modo que ele antecipa coisas que de fato não estão. "É como usar um óculos", como Dunker metaforiza; através dessa lente, vemos o mundo de modo diferente. Ele relembra o que Freud elaborou: o apaixonamento implica num rebaixamento cognitivo, numa regressão, numa espécie de doença

¹² Notas de aula a partir da fala do Prof. Ricardo Radin Bueno na matéria "Psicanálise II" ministrada em 2019.

¹³ DUNKER, C. **Qual é a diferença entre paixão e amor?** Falando Nisso 67 [YouTube], 13 de nov. de 2016. 17min55s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-WqnQqiZxiM>. Acesso em: 15 abril 2024.

artificial, de patologia; a pessoa fica cega. Em "Psicologia das Massas" (1921) a paixão é posta como tendo esse poder de coerção, algo que é capaz de sobrepor o ideal de eu a um determinado objeto. É assim que funciona a influência dos líderes sobre a massa, através de um apaixonamento: o objeto se confunde com seu ideal de eu, produzindo um efeito hipnótico, levando o sujeito a perder seu livre arbítrio.

Nesse mesmo contexto, Roudinesco (2019) também menciona:

Amar é ao mesmo tempo viver e desejar morrer. Este é o 'puro amor', aquele que voltamos à pátria, a um ideal, a Deus, à Mulher sublimada segundo as regras do amor cortês: um amor impossível, impensável, incondicional e inegociável, que não supõe nenhum objeto, nenhuma outra recompensa senão a de perda de todo o gozo (p.14).

Nota-se como há logo uma relação entre ideal, mulher e amor cortês, aquele aqui definido como 'impossível' e 'impensável'. Não é de se espantar que, ao longo da história, seja na arte, literatura ou na cultura popular, a imagem da mulher sempre esteve intimamente ligada às ideias de amor. A psicanalista Malvine Zalcberg fala extensamente sobre o assunto que aqui nos concerne em seu livro "Amor paixão feminina" (2007). Nele, ela põe em questão, a partir da psicanálise, porque a mulher está mais sujeita a 'sofrer por amor' que o homem (p.8).

O que Malvine (2007) sugere é que a paixão amorosa é um dos exercícios criativos mais comuns na Terra, conforme observado pela escritora Rosa Montero, que a vê como uma via de conexão com a loucura. Inclusive, é algo que Ernaux identifica em sua experiência: após ter passado o dia esperando uma ligação de A. e ter sentido ódio quando o telefone tocava e era outra pessoa, descreveu da seguinte maneira o momento em que finalmente ouviu a voz de seu amante do outro lado da linha: "(...) minha espera indefinida, dolorosa, certamente ciumenta, evaporava tão rápido que eu tinha a sensação de que estivera louca e, de repente, voltara ao normal" (ERNAUX, 2023, p.11). Enquanto isso, Simone de Beauvoir no "Segundo Sexo" (1949), destaca a sensação de total justificação que uma mulher sente ao amar e ser amada,

ênfatizando sua importância para o amado. Além disso, a ideia de que a mulher busca ser eleita por um homem, como apontado por Freud e Lacan, reflete uma das soluções encontradas pelas mulheres diante de sua condição feminina, onde o amor é visto como um tratamento e uma fonte de afetos positivos que atenuam a posição feminina na estrutura social (ZALCBERG, 2007).

Nesse sentido, algo que Marli Piva Monteiro (2011) também toca em seu artigo é que, colocada entre o que é considerado normal e anormal, a paixão pode ser interpretada como um sintoma no qual a manifestação do narcisismo busca ocultar a ausência e obscurecer a noção de castração. Assim, a paixão seria situada no domínio do inatingível, representando um impasse.

4. Capítulo 2: A fantasia

Uma vez que o desvelamento da estrutura do sintoma está condicionado à articulação com a fantasia, há uma pergunta implícita: à que demanda do Outro o sintoma veio responder?¹⁴

Retomando o que foi brevemente citado sobre pulsão de morte na introdução, Coutinho (2022b) elabora que – como Lacan havia falado a respeito da ação do Nome-do-Pai – o recalque originário instaura no inconsciente o que ele chama de *fantasia fundamental*, “cuja importância reside no fato de ela consistir numa forma fixa e repetitiva de o sujeito se relacionar com a causa do desejo” (p.76). Nesse sentido, como já mencionado antes, o desejo não possui um objeto específico e então a fantasia sustenta tal desejo quando o fixa “numa certa relação estável com determinado objeto” (COUTINHO, 2022b, p.76).

A respeito dessa fantasia fundamental, Coutinho (2022b) coloca que ela:

(...) pode ser considerada uma espécie de prisão domiciliar do sujeito: nela ele se encontra confortavelmente instalado, rodeado pelos objetos investidos por sua libido e pelos objetos que lhe são familiares, desfrutando de uma tranquilidade que beira a inércia – mas está preso! Em seu interior, ele segue uma vida regida pelo princípio de prazer, mas, sem se dar conta disso, encontra-se radicalmente limitado por tudo aquilo que é prazeroso (p.77).

Coutinho Jorge (2022b) também observa que a fantasia é aquilo ao que o sujeito recorre quando quer sentir com menos intensidade os efeitos da insatisfação da pulsão. Em outras palavras, como Freud colocou em "Perda da Realidade Neurose e Psicose" (1924), na fantasia pode-se substituir a realidade indesejada por outra coisa. Portanto, com ela é possível contornar essa dor resultante das impossibilidades com as quais o sujeito se depara com os limites da pulsão.¹⁵

¹⁴ Notas de aula a partir da fala do Prof. Raul Albino Pacheco Filho na matéria "Sujeito, subjetividade e constituição do sujeito" ministrada em 2024.

¹⁵ Notas de aula a partir da fala do Prof. Victor Pacetti no grupo de estudos de Freud e Lacan em 2023.

É esse tipo de tentativa de substituição da realidade que Ernaux (2023) descreve,

(...) tenho sempre o hábito de comparar um desejo e um acidente que eu poderia causar ou sofrer, uma doença, ou alguma coisa mais ou menos trágica. Uma forma garantida de medir a força do meu desejo - e talvez, também, de desafiar o destino - é pensar se eu aceitaria pagar o preço da fantasia: 'minha casa pode pegar fogo se eu conseguir terminar o texto que estou escrevendo.' (p.13).

A partir dessa passagem há de se lembrar, porém, que não é toda fantasia que deve ser vivida. Inclusive, não é esse o papel da fantasia, dar lugar a possibilidade de vivência do desejo? O que estaria Ernaux querendo dizer aqui?

Tais características da fantasia podem ser observadas quando Ernaux (2023) descreve a impossibilidade de sentir prazeres em sua vida que fogem da relação com A. Por exemplo: deixava de fazer várias coisas básicas de sua rotina por medo de perder um telefonema dele, seja evitar de usar o aspirador e secador de cabelo pelo barulho ou sair para ir ao supermercado (p.11); numa viagem, entrava em todas as igrejas e fazia pedidos relacionados à A. (p.37); fazia algumas promessas do feitio "(...) se ele me ligar antes do fim do mês, vou doar quinhentos francos para uma organização humanitária" (p.43). Assim, seu prazer estava estritamente condicionado àquele objeto, de modo que era necessário apelar a superstições e *combinados com o universo* na exasperação de garantir o objeto. Então, é quase aflitivo observar que não era necessário A. estar fisicamente perto para dominar a vida dela.

Na neurose, como explica Coutinho (2022b), sujeito tem acesso ao Real através do sintoma e da angústia:

Do lado do primeiro - do , do inconsciente, do simbólico - podemos situar o amor e, do outro lado - do objeto a, da pulsão, do real -, podemos situar o gozo. Como assinala Lacan, 'no amor, o que se visa é o sujeito, o sujeito como tal, enquanto suposto a uma frase articulada, a algo que se ordena ou pode se ordenar por uma vida inteira'. (...) Quando o discurso amoroso enuncia "de dois fazer um só", ponto de onde

ele parte, temos aí 'verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado' (p.79).

Se considerarmos que a fantasia é um recurso que surge na infância como uma resposta à perda do prazer inicial, percebemos que sua essência está vinculada à busca pela totalidade perdida, como coloca Coutinho Jorge (2022b). Ele aponta, então, que a fantasia é, em sua essência, uma tentativa de recuperar essa sensação de completude que se acredita ter sido perdida. É importante ressaltar que essa busca pela completude ocorre dentro de uma estrutura psíquica na qual a perda já ocorreu e a falta já está presente. O que ocorre é que na estrutura neurótica, por exemplo, o sujeito busca tal completude justamente no amor, ao ponto de fixar-se no objeto de amor (COUTINHO, 2022b, p. 82). Seria então a *ideia de A.* aquilo que interessa na vida dela?

Essas colocações do autor são exemplificadas no seguintes trechos do livro:

(...) as únicas ações que envolviam minha vontade, meu desejo e qualquer coisa da ordem da inteligência humana (prever, avaliar os prós e contras, as consequências) tinham todas relação com esse homem: ler no jornal artigo sobre seu país, escolher roupa e maquiagem, anotar o que não podia esquecer de lhe dizer, comprar bebidas e frutas para comermos juntos a noite, imaginar em qual cômodo faríamos amor quando ele chegasse (ERNAUX, 2023, p.9).

E também,

(...) se ele anunciava que viria dentro de uma hora – uma "oportunidade" tinha aparecido, ou melhor, uma desculpa para chegar tarde em casa sem que a mulher desconfiasse –, eu entrava numa outra espera, sem nenhum pensamento ou mesmo desejo (a ponto de me perguntar se seria capaz de ter um orgasmo), inundada por uma energia febril (...). Já não sabia sequer quem eu esperava (ERNAUX, 2023, p.12).

Baseado nesse último trecho, pode-se supor que o desejo pelo objeto em si é menor? E também, podemos perceber que, de fato, a fantasia é capaz de fazer com que, frente ao estado de tensão, o sujeito

alucina a experiência de satisfação¹⁶.

As fantasias desempenham um papel determinante na formação dos sintomas: sempre que o sujeito manifesta um sintoma, ele está, na verdade, tentando recuperar um prazer específico que está contido em sua fantasia. Especificamente, o sintoma representa uma tentativa de recuperar um objeto não identificado¹⁷. Neste caso, a paixão de Ernaux e sua insistência nela, bem como sua recusa em abrir mão do sofrimento.

É o que Malvine Zalcberg (2007) também afirma ser a função da fantasia: aquilo que permite a recuperação de um gozo perdido na entrada do sujeito na linguagem (p.100). Através da fantasia, o sujeito é capaz de encontrar uma forma de satisfação, mesmo que parcial, para aquilo que foi perdido.

Zalcberg (2007) explica que, ao considerar que o sujeito precisa renunciar ao gozo ilimitado para se tornar plenamente humano, entende-se que tal renúncia não ocorre sem alguma resistência: “o segredo de cada um, a causa última de todo discurso: existe um gozo ao qual não se quer abdicar ou ao qual se quer, pelo menos, ter acesso em parte” (p.100).

A fantasia é uma criação do sujeito; uma forma de se articular com o objeto sem nunca se dar conta disso. Quando a libido está intensamente envolvida na fantasia, o sujeito tende a se concentrar tanto em transformar a realidade que acaba por negligenciar vivê-la efetivamente. Em outras palavras, para Ernaux, é possível que o foco em pensar sobre A. e aguardar por ligações e encontros seja mais dominante do que lidar com a incerteza de não saber quando irá encontrá-lo ou se ele compartilha realmente os mesmos sentimentos por ela.

No capítulo intitulado “O medo de perder o amor é bem feminino”, Zalcberg (2007) investiga e examina o papel do amor e a dinâmica das relações das mulheres com o objeto de seu afeto:

¹⁶ Notas de aula ministrada na monitoria de Psicanálise da PUC-SP em 2022.

¹⁷ Idem.

Cabe a pergunta: os homens serão tudo para as mulheres? Quando se escuta a queixa angustiada delas concernindo seu medo de perder o amor, poderia-se crê-lo. Só que se deduz que, para uma mulher, a perda do amor excede a dimensão fálica à qual Freud a reduzia, pois o que ela perde ao perder o amor é ela mesma. O ponto importante é que o amor a identifica como mulher. No rompimento de uma relação amorosa, o sentimento de perda numa mulher tem muito a ver com a perda de amor que a identifica como mulher e não só com o homem ele mesmo (p.57).

Nesses aspectos, podemos encontrar traços demonstrados por Ernaux (2023). Ela fala sobre ter certeza de "(...) nunca ter vivido nada mais importante" (p.11) na vida; nem mesmo os filhos, conquistas profissionais e viagens. Para além de sua relação com A., "nada importava" (p. 11). Em outros momentos, descrevia uma vontade enorme de buscar por filmes que contariam uma história similar a dela (p. 21). Ela mesmo coloca como "evitava situações que pudessem me tirar da minha obsessão" (p.31), como ler e sair com os amigos. Parece que, de certa maneira, Ernaux negava os aspectos de sua vida alheios à paixão. É interessante a maneira que escreve sobre o que sentia na época: "(...) desejava o ócio completo (...) sentia que estava no direito de me opor a tudo o que atrapalhasse uma entrega sem limites às sensações e narrativas imaginárias da minha paixão" (p.31). Vemos aqui como a pulsão de morte, em sua tendência a retornar ao mesmo lugar e à compulsão a repetição não deixam de realçar a fixação que se dá no relacionamento passional. Observa-se também essa vontade de ficar presa na fantasia, imaginando possíveis cenários e sem preocupação alguma com a factualidade deles.

Em outro momento, Zalcberg (2007) explora a fundo a lógica fálica presente na origem das relações amorosas. Ser o falo implica que uma mulher, ao se apresentar como "não tendo", identifica-se com sua própria falta e acaba, de maneira paradoxal, por "ser o que não tem", ou seja, o falo. É importante lembrar que o falo representa aquilo que falta ao ser humano. Nesse sentido, confirma-se que "a mulher encontra no "ser fálico" a única identificação a sustentar seu feminino" (ZALCBERG, 2007,

p.162). Para Lacan, como colocado por Zalcberg (2007), é através desse *ser o que não tem* que a mulher resolve a questão da identidade. Entendo isso como uma necessidade de ser tudo para o outro. Ao colocar o homem em posição de quem deseja e ela em posição de desejada, "(...) o que a mulher visa é ser amada (...)" (p.74) e isso é possível mediante o encontro com o desejo do homem. Ernaux (2023) escreve:

(...) já não me dava mais nada de presente - quando eu ganhava flores ou um livro de algum amigo, pensava nas atenções que ele não julgava mais necessário ter comigo, mas em seguida justificava: ele me dá de presente o seu desejo (p.26).

E também,

(...) muitas vezes ficava pensando qual significado teria, para ele, passar essas tardes fazendo amor. Possivelmente nada mais que isso, fazer amor. De todo modo era inútil buscar motivos secundários, afinal, só de uma única coisa eu poderia ter certeza: do seu desejo ou falta de desejo (p.26).

Em relação ao último trecho, pode-se inferir uma certa indiferença de Ernaux ao fato de A. não ter se apaixonado também. Logo, a reciprocidade do sentimento parece não ter sido condição para qualificar a experiência que ela teve. Isto é, por mais dolorosa que tenha sido, era o suficiente. Nesse ponto pode-se observar como o amor emanado dela era o suficiente; algo que Zalcberg (2007) ressalta na mulher: o amor traz uma sustentação para o ser:

(...) o amor revela-se, nesse nível, o grande operador das trocas envolvidas na demanda ao Outro - Outro do amor. Se, para uma mulher, falha esta prova do desejo do Outro, se o desejo do homem não lhe rende homenagem, se ele lhe insinua que ela não tem nem é o falo, um buraco se abre sobre seus pés pelo qual ela escorregará facilmente para uma passagem ao ato ou ao desespero (p.74).

Desespero esse que Ernaux (2023) relata diversas vezes ao longo do livro: desejava que o avião caísse caso ela nunca mais fosse vê-lo (p.60); quis fazer exame de HIV, pois "(...) pelo menos isso ele teria deixado" nela (p.41); fazia "combinados com o universo" para ver ele de

novo (p.60) e chegava sentir seu corpo inteiro doendo quando ele voltou para seu país (p.40).

Em relação a qualidade do amor, Zalcberg (2007) comenta como, em seu cerne, há uma ilusão: o sujeito sempre acredita que seu objeto de amor tem para lhe oferecer aquilo que lhe falta (p.104). Poderia ser esse ponto, também, que explica a insistência de Ernaux na ideia de A.; a esperança de que ele, e somente ele, pode completá-la.

Além disso, algo que Zalcberg (2007) explora é como, para a psicanálise, os homens podem encontrar várias mulheres, mas nunca *A Mulher*, uma vez que essa não existe: "(...) já que nenhum significante a define como tal" (p.97). Dessa maneira que os homens esperam a conformidade. Por outro lado, como as mulheres sabem que não são *A Mulher*, querem, ao menos, ser *uma* mulher escolhida por um homem. Essa questão será explorada adiante.

O neurótico, mesmo sofrendo com sua fantasia, se protege com ela e a usa para se conectar com a demanda do Outro. No livro, Ernaux relata ter visto um programa de TV e ter tido certeza que a dançarina que via na televisão já teria tido relações sexuais com A.:

eu o via com ela num quarto de hotel e nada poderia, naquele instante, convencer-me de que era uma cena inverossímil. Pelo contrário, a hipótese de que isso não teria acontecido me parecia estúpida e inimaginável (p.34).

Portanto, fica claro e pode-se resumir que aquilo de mais importante na fantasia é como o sujeito – neurótico – se relaciona com seu suposto objeto de completude. Então, nas relações com o outro, sempre há a fantasia como base. A relação não é com o outro em si, pois há por trás um imaginário do que é o outro. Ou seja, o sujeito sempre se relaciona com o que o outro é para ele. Podemos pensar que Ernaux se prendia ao que A. era para ela, ao lugar que ele ocupava em sua e vida e como, através de seus encontros, dava a ela um momento a ser esperado e uma oportunidade de colocar em ação seus desejos e vontades.

4.1 Relação com o objeto

"Meu desejo era não fazer nada além de esperá-lo"
(ERNAUX, 2023, p.12)

Como visto anteriormente, a experiência da paixão está diretamente ligada à relação que o sujeito tem com o objeto escolhido. Essa questão é central para a teoria psicanalítica e de fato está em jogo no cotidiano das relações amorosas. O que veremos neste capítulo é a relação intrínseca entre objeto e falta, além dos modos como as escolhas do sujeito estão articuladas com a experiência singular de constituição e, conseqüentemente, com a fantasia. Além disso, o que ficará evidente são as diferentes posições que a mulher e o homem ocupam no que concerne a relação com o objeto no apaixonamento. Olhar isso a partir da fantasia é entender que outros elementos entram em jogo para a mulher.

Há de se considerar rapidamente algumas das afirmações de Freud a respeito do objeto. Em "Três Ensaios da Teoria da Sexualidade" (1905/2016) ele postula que o objeto sexual é aquele no qual o sujeito investe a libido. Em "A Dinâmica da Transferência" (1912/2020) já fala da introjeção do objeto na realidade fantasmática, através do qual vira objeto de apoio para a satisfação do sujeito. Isso também é posto no momento em que formula "Psicologia das Massas e análise do Eu" (1921), em que amar é colocado como um tipo de ligação que exige um certo tipo de satisfação, seja essa social (com o outro) ou narcísica (imagem infantil/ideal de eu/eu ideal)¹⁸.

Tal satisfação, como veremos neste capítulo, é quase que "fadada a não se realizar", uma vez que consideramos a ideia de *objeto perdido*. Para Freud, a pulsão nunca vai encontrar um objeto que a satisfaça por completo: "A passagem do instinto para a pulsão é tributária de uma perda sofrida por nossa espécie, a partir da qual se instalou uma falta em

¹⁸ Notas de aula a partir da fala do Prof. Pedro Ambra na matéria "Psicanálise III" ministrada em 2020.

todos os seus indivíduos” (COUTINHO, 2022b, p.61). Assim, o objeto de satisfação é perdido desde sempre.

4.2 O objeto perdido e o significante fálico

“Eu havia entrado num estado que mesmo o dado real de sua voz não era capaz de me deixar feliz. Tudo se resumia a uma falta infinita (...)”

(ERNAUX, 2023, p.34)

No que diz respeito ao caráter inatingível do objeto, Lacan tem uma explicação. Como esclarece Coutinho (2022b), ele entende que “toda pulsão é pulsão de morte” (p.66), pois, aquilo que a pulsão está atrás para com o qual vai se satisfazer é o objeto impossível, que ele dá o nome de *das Ding*. Segundo ele:

É esse objeto, das Ding, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontrá-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer; é nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção nem esforço (Lacan, 1959-1960/1991, p. 69 *apud* COUTINHO, 2022b, p.141).

Bem, nenhuma busca por amor termina em felicidade. Não podemos encontrar algo que nos complete porque isso, de fato, não existe. A espera pode romantizar a ideia do “talvez”: talvez essa pessoa, talvez desta vez, talvez ele me ame, e assim por diante. Portanto, não é surpreendente que Ernaux tenha investido tanta energia emocional em um relacionamento incerto.

Segundo Lacan, o que causa a repetição e insistência é porque o sujeito está constantemente tentando alcançar o *objeto a*. Ele é a causa do desejo; todos nós somos impulsionados por esse objeto, mesmo que nunca o alcancemos. Por exemplo, podemos entender que Ernaux, em sua espera por reciprocidade por parte de A., acredita – inconscientemente – que é ele aquilo que vai preenchê-la, completá-la.

Além disso, o *objeto a* funda o furo no Simbólico, representando aquilo que cedemos quando entramos na linguagem. Passamos a vida inteira tentando tapar esse furo. Uma vez que a pulsão não produz satisfação completa, o sujeito vai atrás de algo novo¹⁹.

O *objeto a*, irrepresentável, é aquilo que nos move. O sujeito está sempre tentando resgatá-lo e por isso está sempre insatisfeito, uma vez que não encontra esse objeto em nada – pois ele não existe. É por esse motivo que também é chamado de objeto *causa de desejo*. Além disso, o *objeto a* representa um vazio, uma ausência. Ora, então o desejo é um vazio. A pessoa apaixonada se engana que o desejo é o outro – situa o objeto nesse outro. O engodo do desejo é achar que ele está no outro, que o outro encarna esse desejo. Não, o desejo é do sujeito²⁰.

Esse furo fundado pelo *objeto a* marca uma falta. Aliás, a constituição do sujeito é uma resposta a uma falta. Essa constituição se dá na parte da negação da falta. Para Zalcberg (2007), isso é muito perceptível na sexualidade da mulher:

(...) o discurso do amor da mulher é clinicamente articulado à falta do Outro, nesse ponto notadamente em que ela se dedica a perguntar ao Outro: você me ama?, como você me ama?, o que você ama em mim? Ponto precisamente do indizível, tentando fazer passar o que é da ordem do indizível ao dito, comportando uma dimensão de impossível (p.74).

E é no falo que está a representação dessa falta. Não só a falta como "(...) desejo, daquilo que nunca alcançamos e daquilo que temos que renunciar para nos tornamos homens e mulheres" (ZALCBERG, 2007, p.27). Na questão amorosa, isto se dá a partir das posições que cada sujeito toma. Na histeria, por exemplo, a mulher demanda ser amada pelo Outro. Enquanto o homem deseja, a mulher se deixa desejar. Essa dicotomia é mediada pela significação do falo (ZALCBERG, 2007, p.75). Isto é, de como a falta é inserida. E aqui, vale lembrar que Lacan

¹⁹ Notas de aula a partir da fala do Prof. Ricardo Radin Bueno na matéria de "Psicanálise II" ministrada em setembro de 2019.

²⁰ Notas de aula a partir da fala da Profa. Clarissa Metzger na matéria "Os Operadores Estruturais Da Psicanálise e A Práxis Em Instituição" ministrada em 2024.

denominou o falo como o significante da falta; ele representa a inscrição da falta no sujeito²¹.

Zalcborg (2007) explica a teoria lacaniana: a mulher não tem o falo, mas ainda está inscrita nessa lógica. O que Lacan coloca em questão é que o modo que a mulher entra na lógica fálica é não se submetendo totalmente a ela. Isto é, o que a mulher sente por feminilidade é: "(...) você não é totalmente" (p.27). Vale aqui relembrar o conceito de identificação, que Freud classificou como o processo inconsciente pelo qual o sujeito incorpora à sua personalidade algo que se conforma à personalidade de outro; implica o sujeito como objeto²².

Para a mulher, portanto, a vivência de ser amada passa por uma "(...) identificação com o padrão fálico que suporta a fantasia masculina, isto resulta num benefício narcísico (ser desejada e amada)" (p.80), ao mesmo tempo que, conseqüentemente, ela deve renunciar parte de sua feminilidade. Além disso,

(...) o que existe para uma mulher, quanto ao seu desejo, para além deste consentimento em se fazer desejar e amar por um homem? A primeira fórmula encontrada por Lacan para explicar o desejo propriamente feminino nessa parceria que ela estabelece com o homem no qual ela aceita ser identificada ao falo, é que ela, ao mesmo tempo, localiza o falo (que é também o significante de seu desejo) no corpo do homem. Significa que a mulher está à procura do falo mesmo se muito profundamente ela o é. Ela o recorda sobre o corpo do Outro na relação sexual. É o que a faz dirigir seu apelo de amor a este homem (ZALCBORG, 2007, p.82).

Zalcborg (2007) também esclarece que a mulher se submete às condições do Outro a fim de corresponder ao desejo dele (p.80). Vemos isso quando Ernaux muda compromissos, desmarca encontros com amigos, passa seus dias sem sair de casa para não perder algum telefonema de A. Essas ações não deixam de corresponder a uma suposta ideia de completude que o objeto pode trazer ao sujeito. De um modo

²¹ Notas de aula a partir da fala do Prof. Raul Albino Pacheco Filho na matéria "Sujeito, subjetividade e constituição do sujeito" ministrada em 2024.

²² Notas de aula a partir da fala do Prof. Ricardo Radin Bueno na matéria de "Psicanálise II" ministrada em setembro de 2019.

geral, o amor seria a possibilidade de depor o gozo em prazer, prazer sexual com o outro, pois o outro traria consigo esse objeto de desejo. Certo, mas talvez a questão da mulher seja de que ela pode ficar fixada na condição de ser também objeto de desejo por inteira. O amor tem essa força de querer fazer um só, a "*a metade da laranja*". Daria para dizer que o gozo mantém o *objeto a* consigo, de modo que o sujeito não abre mão de ficar com esse gozo possível, por menor que possa ser. Assim, tenta-se que não haja perda do *objeto a*, por isso destitui o outro, gozando na solidão. É o que Zalcberg (2007) diz:

A oposição entre amor e gozo se manifesta, sobretudo, na relação com o Outro. O amor institui o agalma do Outro, isto é, o objeto precioso que ele contém. Em função do que, o amor é associativo e aspira ao Um, no sentido de uma fusão. Já o gozo faz a operação inversa. O gozo destitui o Outro em benefício do *a* em sua dimensão de mais-de-gozar, indicando o quanto o gozo é dissociativo e se realiza na solidão; Se há uma antônima entre gozo e amor, a questão é saber em que condições o amor pode funcionar como limite contra o gozo infinito (p.129).

Além disso, vale lembrar como a mulher, segundo a explicação lacaniana de Zalcberg (2007), tem acesso ao significante fálico através do homem e obtém sua significância a partir daí:

A mulher só é sujeito, diz ele, onde ela consegue ser 'toda', quer dizer, lá de onde o homem a vê, isto é, a acolhe. Simone de Beauvoir o diz a seu modo: 'é nos olhos do homem que a mulher acredita, enfim, se encontrar (p.100).

Resumidamente, de modo a introduzir o próximo capítulo, a mulher tem um gozo a mais: ela é não-toda fálica. Para Lacan, o amor está no campo da demanda: "me ame" ou "eu posso te amar". Tal demanda sempre surge em função da castração, uma vez que esta é insuportável; todos querem se afastar dela. A castração significa que algo falta e algo sempre vai faltar, pois o gozo absoluto é da ordem do impossível. A discussão acerca dessa questão se aprofunda uma vez que existe uma

diferença de postura, masculina e feminina, frente ao modo de gozar e amar, sem desconsiderar o papel da castração nisso²³.

²³ Notas de aula a partir da fala do Prof. Raul Albino Pacheco Filho na matéria "Sujeito, subjetividade e constituição do sujeito" ministrada em 2024.

5. Capítulo 3: A mulher apaixonada

5.1 O erotismo

Considerando todas as menções anteriores ao posicionamento singular que a mulher ocupa no amor, não pode ser dispensado um capítulo dedicado a esse ponto e seus desdobramentos. Começando pela questão sexual, em um dos trechos de seu livro em que Ernaux (2023) descreve fantasiar com A., ela declara:

(...) no momento exato em que entrava nesse estado, minha cabeça era invadida por um espasmo de felicidade. tinha a sensação de me abandonar a um prazer físico, como se o cérebro, sob o afluxo repetido das mesmas imagens, das mesmas lembranças, pudesse ter um orgasmo, como se um órgão sexual similar aos outros (p. 31).

Essa passagem dá espaço para uma reflexão acerca de como a fantasia ocupa um lugar erótico. Dessa maneira, cabe aqui um breve comentário sobre esse elemento.

No capítulo "O Objeto Perdido do Desejo", Marco Antonio Coutinho Jorge (2022a) elucida acerca do papel do erotismo e do relacionamento sexual para o homem e para a mulher. Primeiramente, é necessário marcar que há uma diferença no modo de gozar: "(...) o homem encontra um limite no gozo fálico – afinal ele goza mesmo de uma parte do próprio corpo, não da mulher – seu gozo é finito" (p.111). Já a mulher não tem seu gozo limitado pelo órgão fálico. Veremos isso novamente no próximo subcapítulo.

Mas, como Zalcberg (2007) – relembrando as fórmulas de Colette Soler – acrescenta, a mulher espera que o amor de um homem garanta a ela um valor fálico. Aquilo que a identifica como "mulher *de*, amante *de*", etc. é o que a psicanalista também explana sobre a posição feminina de querer gozar e fazer o outro gozar, em contraponto com a posição da mulher estética, por exemplo, que não visa nem um nem o outro, e sim *ser* (p. 120). Além disso,

(...) através do homem, a mulher quer ver seu gozo feminino inscrito na relação a um Outro, para que o vínculo com um homem venha fixar o excesso de gozo que pode a assaltar. por isso, (...), é tão importante que um homem chegue a se inscrever na fantasia dela, isto é, de ele ocupar um lugar no discurso dela que toque precisamente o seu gozo mais além do falo (ZALCBERG, 2007, p.142).

É também como ela explica: para a mulher, o homem encarna o significante do desejo e a partir disso a revela como mulher (ZALCBERG, 2007, p. 110). Uma vez que nosso mundo é um mundo simbólico, um mundo de linguagem, há um fator de inscrição na fantasia. Para a mulher, o homem entra na sua fantasia a partir da ocupação de um "lugar no discurso que toca seu gozo mais além do falo para dizer seu ser e cifrar seu gozo" (ZALCBERG, 2007, p. 154). É onde a palavra do objeto de amor toma seu valor para a mulher: para a mulher, não há amor sem palavras. Aí está o peso da linguagem.

Com relação a isso, Zalcberg (2007) também concorda que há uma certa posição de subjetividade particular da feminilidade que diz respeito à experiência corporal de uma "(...) ausência de limite onde o amor se faz necessário" (p.143). Daí uma certa indispensabilidade do amor na vivência sexual feminina. Isto é,

(...) o amor e o que ele representa na subjetividade da mulher pode dominar a cena psíquica feminina. por isso, as mulheres fazem do amor uma exigência sustentada por essa demanda insistente à qual venho me referido: me ame mais, mais... faça de mim a única (ZALCBERG, 2007, p.129).

Isso fica evidente quando Ernaux (2023) relata como mesmo as ligações de seu amante já não a acalmavam mais. Mesmo ouvindo ele, ela não conseguia acreditar na existência de algum sentimento por parte dele. O único momento em que se sentia plenamente feliz com ele e não qualifica a relação dos dois como uma "falta infinita" era o momento em que estavam juntos "fazendo amor" (p.34). Ou seja, era só a partir do ato sexual que ela enxergava algum tipo de reciprocidade por parte de A.

Para explorar brevemente essa temática, aqui um trecho de Zalcberg (2007):

(...) é isto que o amor revestido de cores do sentido sexual do desejo de um homem pode oferecer a uma mulher: uma remissão da morte graças ao limite que põe a disposição. É em virtude da ameaça desse real para o qual o gozo ilimitado das mulheres aponta que elas, as ditas apelantes do sexo, aspirando ao gozo do outro, se convertem em aspirantes do amor. É bem esta a linha de pensamento laciano a que aludi no capítulo anterior, a de que o amor favorece a renúncia ao gozo (p.128).

Levanta-se, então, a hipótese de que talvez algum dos elementos que sustentavam os sentimentos de Ernaux era uma certa vivência que ela conseguia obter a partir do ato sexual com seu amante. Pode-se pensar na definição de erotomania apresentada por Zalcberg (2007):

(...) a mulher está de tal forma fixada numa certeza inquestionável de amar e ser amada que ela compromete todas as possibilidades e até exigências de que o amor pode inventar. É isto para o que o amor aponta, cada encontro e cada laço sejam uma criação, um acontecimento muitas vezes efêmero no caso a caso e não fundamentado numa certeza inquebrável (p.135).

Quanto a esses elementos sexuais, Ernaux (2023) menciona momentos em que parece que a ideia de prazer está completamente ligada a ele. Outros aspectos que também fazem parte do âmbito afetivo/sexual não importam, como por exemplo, um jantar com amigos (p.12).

Em alguns momentos, ela menciona sentir a sensação persistente de estar tocando no corpo dele, de sentir ele fazendo carícias e até mesmo de escutar A. falando palavras obscenas (p.15). Em outros, chegava a ter a sensação de que o orgasmo que havia acabado de ter era dele (p.42).

Por outro lado, em relação ao que Zalcberg (2007) aborda sobre cada laço ser uma criação, há a escrita de Ernaux (2023): "eu achava que a escrita deveria se aproximar dessa impressão provocada pela cena do ato sexual, desse sentimento de angústia e estupor, da suspensão de julgamento moral" (p.8).

Por mais que pareça haver um certo uso do erotismo para compreender e suportar seu sofrimento, parece que, através da

sublimação, a escritora conseguiu dar algum outro lugar a suas angústias.

5.2 O amor

Lacan, em seu primeiro Seminário, fala que:

(...) o desejo de ser amado é o desejo de que o objeto amante seja tomado como tal, enviscado, submetido na particularidade absoluta de si mesmo como objeto. Aquele que aspira a ser amado se satisfaz muito pouco, isso é bem sabido, com ser amado pelo seu bem. Sua exigência é ser amado tão longe quanto possa ir a completa subversão do sujeito numa particularidade, e no que essa particularidade possa ter de mais opaco, de mais impensável (1953-1954/1986, p.315).

Ou seja, o sujeito deseja ser reconhecido e amado através de suas particularidades, inclusive os defeitos. Pois, o que Lacan afirma, então, é que amar alguém vai além daquilo que o outro mostra superficialmente, muito pelo contrário.

Em seu artigo, "Amar adentro", Dominique Fingermann discorre sobre o amor como visto por Lacan. Fingermann (2015) lembra que, em um primeiro momento, Lacan postula o amor como enganação; como aquilo que nos tira de nós mesmos e nos coloca no outro. Depois, o psicanalista entendia o amor como suplência. Isto é, aquilo que entra no *lugar de* algo. Neste caso, o amor entraria onde a falta é limite e como uma possibilidade de fazer suportar tal falta, mas não como completude. Entende-se que o que Lacan (1997) quis dizer com seu aforismo "amar é dar o que não se tem", é que o sujeito não tem verdades, respostas e certezas, mas, mesmo assim, oferece isso ao outro através do amor.

Sempre há uma falta, uma insatisfação – uma vez que o *objeto a* que tanto buscamos não existe, de fato. Dessa maneira, nenhum amor é perfeito, sempre há uma falência. Na neurose, por exemplo, isso aparece através da inscrição da falta, sendo que nada nunca vai preenchê-la. Por isso, a sensação de sempre querer mais, de não se sentir completo. Porém, o amor consegue, possivelmente, entrar no lugar dessa falta²⁴.

²⁴ Notas de aula a partir da fala do Prof. Raul Albino Pacheco Filho na matéria "Sujeito, subjetividade e constituição do sujeito" ministrada em 2024.

Então, um casal é feito de dois que querem fazer Um. Há uma busca de um pelo outro, porque algo falta ao sujeito; falta desejo e falta gozo. Então o sujeito coloca um outro alguém nesse lugar. Por isso a demanda de amor é sempre de algo que tampona a castração, ou seja, algo que tampe a falta. Por isso o desejo sempre renasce, pois sempre tem algo que falta. Contudo, não é possível fazer Um; não há uma completude a ser realizada. O que o sujeito busca no outro é aquilo que lhe falta. Porém, esse resgate não é plausível, uma vez que a linguagem não dá conta de tudo. Aqui, não tem como não considerar que Ernaux é uma escritora que quis, ou precisou, através da escrita, colocar em palavras o que sentiu e viveu.

Assim, no que diz respeito ao amor, Lacan falava a partir da noção de que o homem e a mulher têm *posições de gozo*. Por esse motivo que fala-se da diferença entre parceiro amoroso (a quem o sujeito destina a demanda de amor) e parceiro de gozo (algo definido pelo modo de gozo). Aqui, pode-se pensar que Ernaux queria amor e A. queria gozo, uma vez que ele apenas a encontrava para fins sexuais e ela se derretia: "tudo nele era precioso para mim, os olhos, a boca, o sexo, as lembranças da infância, o modo brusco de pegar os objetos, a voz" (ERNAUX, 2023, p.59).

No caso da mulher, Lacan diz que a mulher nem-toda se relaciona pela via do falo. Isto é, algo da mulher não é inscrito no falo. Já o homem, como coloca Zalberg (2007), tem seu gozo fálico como um modo de gozo do próprio corpo (p.157).

Nessa linha do modo de gozo, Zalberg (2007) faz apontamentos ricos a essa pesquisa. A psicanalista coloca:

(...) uma das mais importantes imposições que a mulher faz ao homem em sua forma de amar: que ele seja um Outro que fale. Uma das mais importantes imposições que o homem faz à mulher em sua maneira de amar: é que ela seja um objeto que não fale (p.156).

Pensar no papel da palavra no *jogo amoroso* é crucial ao considerar o papel da escrita na vida de Ernaux. Faz sentido o silêncio e a concisão

de A. quando Zalcberg (2007) aponta que o gozo do homem não passa pela palavra: "o gozo fálico do homem é mais um modo de gozo do próprio corpo" (p.157). Por outro lado, a mulher entende em seu psiquismo que o amor entra como suplência de algo que está falando, de modo que se torna mais disposta e envolvida na busca pelo Outro. Nesse sentido, para o homem, o gozo é suficiente. O amor, por sua vez, é feminino (ZALCBERG, 2007).

Ainda, entende-se, então, que para que exista uma tendência ao amor, sendo este suplência, a falta tem que ser sentida, o que significa que deve ter havido castração (ZALCBERG, 2007, p.157). Tal ponto é interessante de se pensar, considerando que há algo da castração que não parece presente nas atitudes de A., como o fato de se relacionar com duas mulheres – quando ele quer, se ele quer – de modo que dita as regras e condições desses encontros.

Retomando o papel da palavra, Zalcberg (2007) afirma que o que funciona para a mulher como suplência de gozo é a própria palavra (p.166). Ela diz: "dá para associar a necessidade de palavras de amor ao papel da demanda de amor na sexualidade feminina que se traduz na seguinte fórmula: 'que o Outro me ame e, portanto, me fale'" (p.159). Não só vemos isso quando Ernaux declara desejar ouvir palavras de amor, como há uma inquietação fruto do silêncio de A., seja pela falta de telefonemas ou por suas respostas monossilábicas. Não é surpreendente que Ernaux tenha sido tomada por esse relacionamento. Enquanto sentia a necessidade de escrever sobre ele, o homem que ela amava não lhe dizia nada, apenas comparecia para a relação sexual. Como Zalcberg (2007) coloca, "o homem só pode amar uma mulher enquanto ela ocupa o lugar de objeto em sua fantasia, nunca mulher enquanto tal" (p.160). Paralelamente, sem palavras, a mulher sente-se num estado de loucura: "essa indiferença em relação à minha obsessão me deixava abismada. Como era possível?" (ERNAUX, 2023, p.30).

Assim, sobre o gozo da palavra, é a ele que Lacan aludia quando dizia que a mulher "além de ter relação com o gozo fálico igualmente tem

relação com o gozo suplementar feminino, o *gozo-a-mais*" (ZALCBERG, 2007, p.167). Portanto,

(...) para as mulheres, é necessário que os homens falem para que elas possam gozar. Do lado feminino se goza da fala, de preferência da fala de amor, embora não apenas. O amor, portanto, não é simplesmente expresso pela fala, pode ser a fala, amor construído a partir da fala (ZALCBERG, 2007, p.168).

Pode-se supor, então, que o gozo que Ernaux tirou dessa experiência amorosa foi justamente escrever sobre ela. Curiosamente, para a autora, é realmente sobre a experiência em si que escreve. Na última página, Ernaux (2023) conta que, certa vez, A. disse a ela: "você não vai escrever um livro sobre mim" (p.60). Ao que ela conclui:

Ora, mas não escrevi um livro sobre ele, nem sobre mim mesma. Apenas expressei com palavras – que talvez ele nem leia, e que não são destinadas a ele – o que a existência dele, por si só, me trouxe (p.60).

6. Conclusão

No final de seu livro Zalcbberg (2007) comentou justamente algo que aqui nos interessa:

Se no nível sexual, a relação passa pelo gozo do corpo e pelo gozo da palavra, quer dizer que a relação passa pelo sintoma. Sintoma por quê? Não deixa de ser um sintoma do sujeito o fato de ele tornar o Outro um meio de seu gozo, Em cada união amorosa o sintoma de um sujeito entra em consonância com o sintoma do outro através da fantasia (p.177).

O trecho acima parece resumir bem o que foi discutido nesse trabalho. A curiosidade recaiu sobre como a vivência do apaixonamento diz da subjetividade do sujeito, especialmente da mulher. Se as mulheres estão fadadas a sofrer com seu sintoma de amor, é, no mínimo, admirável ver o que a escritora francesa consegue transmitir a partir da sua posição feminina.

Assim, arriscaria dizer que, para Ernaux (2023), vivenciar a experiência de reconhecer seu sintoma é, cada vez mais, uma experiência dolorosa de prazer. Ela está ciente de algo estranho em si mesma – o que um psicanalista chamaria de sintoma. Conhece o prazer que busca, mas está ciente de que é uma encenação e, portanto, falsa. Mesmo assim, ela constroi e atualiza a cena, tornando-a real por si mesma. Consegue, inclusive, articular em palavras o que o sintoma causa nela e não abre mão disso. Em determinado momento diz: "(...) com frequência tinha a sensação de viver essa paixão como se escrevesse um livro (...)" (p.17). Mais para o fim, afirma que quando começou a escrever, seu objetivo era permanecer *naquele tempo* (p.47).

Então, ela se prende a ele, deseja esse sintoma e não quer que seja desconstruído ou interpretado por nenhum psicanalista (ERNAUX, 2023, p.23). Todo o livro trata disso, de como ela não quer se livrar do sintoma. Portanto, não fugiria de dizer que A. é o sintoma. Ele representa algo, mas também é real porque é um signo do imaginário.

Além disso, como mencionado, há de ser considerado o papel da

escrita de Ernaux. Uma vez que a tendência da pulsão é procurar repetir um estado anterior, pode-se afirmar que a sublimação é uma solução criativa que o sujeito encontra para parar de repetir o mesmo tipo de comportamento em lugares diferentes da vida.

De certa forma, ela viveu parte dessa paixão através da escrita. Dez anos depois da publicação de "Paixão Simples", a autora lançou, sob o título "Se perdre" (2001), o diário pessoal que manteve durante o relacionamento. Fica evidente, então, como dito por ela algumas vezes, a prova da necessidade de colocar em palavras; quase como se o objetivo da experiência fosse esse. Ela diz:

(...) mas eu continuava vivendo. quero dizer, escrever não me impedia, no instante em que parava, de sentir falta desse homem - (...) - do homem real, mais inalcançável para mim que o homem escrito, designado pela inicial A. Assim, continuava buscando todas as formas de suportar a tristeza de ter esperança quando, na teoria, não existe mais nenhuma (...) e talvez, no fim, a escrita seja uma dessas formas (ERNAUX, 2023, p.48).

Em um determinado momento, falando sobre o tempo verbal no imperfeito que usava espontaneamente e que representa uma duração que ela não queria que terminasse, diz que isso "(...) era também uma forma de produzir uma dor que substituísse a espera de antes, pelos telefonemas e pelos encontros" (ERNAUX, 2023, p.47).

Entendo, então, como a paixão que viveu e a maneira na qual experimentou esse fenômeno foram não só frutos da subjetividade de Ernaux, mas também fatores constituintes ao mesmo tempo. Por mais que seja possível hipotetizar os motivos e impulsos por trás da maneira de se relacionar e como tal tipo de relação com o objeto são movimentos que se repetem na vida do sujeito, há algo a ser dito sobre como Ernaux, para além da angústia sofrida, conseguiu, através da paixão, se relacionar e se perceber, construindo um laço com o mundo a partir do Outro. Ela mesma afirma que, graças a A., se aproximou do limite que a separa do outro (p.60). Ao fim do livro, ela diz:

(...) o homem que voltou naquela noite também não era mais aquele que eu carregava dentro de mim no ano em que ele esteve aqui e, depois, durante o tempo que escrevi sobre ele. Mas é essa volta, irreal, quase inexistente, que confere todo o sentido à minha paixão, que é o de não ter sentido, de ter sido, durante dois anos, a realidade mais intensa possível e a menos explicável (ERNAUX, 2023, p.59).

7. Bibliografia

AGUIAR, F. Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 105-131, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 maio 2024.

AISENSTEIN, M. Amor e paixão: algumas questões em aberto; **Revista de Psicanálise da SPPA**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 193-203, 2018. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/987492/13_amor_marillia-aisenstein_v25_n1_2018.pdf. Acesso em: 24 de jan. 2024.

BOGOMOLETZ, D. Amor e Paixão em Freud e Winnicott ou para uma Psicanálise 2.0. **Rede Psi** [site], 2 abril 2010. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2010/04/02/amor-e-paix-o-em-freud-e-winnicott-ou-para-uma-psican-lise-2-0/>. Acesso em: 16 de mar. 2024

COUTINHO JORGE, M. A. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan - Vol. 1: As Bases Conceituais**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a.

COUTINHO JORGE, M. A. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan - Vol. 2: A Clínica da Fantasia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.

DIAS, M. DAS G. L. V.. O sintoma: de Freud a Lacan. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, p. 399-405, maio 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/mKqnLTRgwYbCCcQGr4GxjWg/#:~:text=O%20sintoma%20%C3%A9%20tal%20como,299>. Acesso em: 29 de mar. 2024.

ERNAUX, A. **Paixão Simples**. 1ª edição. São Paulo: Fósforo, 2023.

FINGERMANN, Dominique. Amar adentro. **Stylus (Rio J.)**. Rio de Janeiro, n. 30, p. 103-110, jun. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 maio 2024.

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer, 1920 *In*: FREUD, S. **Obras Completas, vol. 14**. História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 161-240.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, S. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). **Obras Completas, vol. 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). **Obras Completas, vol. 8**, 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, 1905 *In*: FREUD, S. **Obras Completas, vol. 6**. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13-172.

KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico da Psicanálise** - O Legado de Freud e Lacan. 1ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud, 1953 - 1954. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**: ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

METZGER, C. **A Sublimação**. 1ª edição. São Paulo: Aller, 2021.

METZGER, C. **O estatuto teórico-clínico da sublimação no ensino de Jacques Lacan**: a sublimação como tratamento do gozo. 2014. Tese

(Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: [doi:10.11606/T.47.2014.tde-25112014-113017](https://doi.org/10.11606/T.47.2014.tde-25112014-113017). Acesso em: 15 maio 2024.

MEZAN, R. **Sociedade, cultura, psicanálise**. 5ª edição. São Paulo: Blucher, Karnac, 2017.

MONTEIRO, M. P. Paixão: um amor com tempo marcado. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 36, p. 117-120, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 maio 2024.

PAIXÃO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paixao/>. Acesso em: 15 maio 2024.

SIMMEL, E. (1944). A autoconservação e a pulsão de morte [Trad. Gabriel K. Saito]. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. -11, p. 2, 2021. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2021/08/26/n-11-02/>. Acesso em: 17 fev. 2024

ROUDINESCO, E. **Dicionário Amoroso da Psicanálise**, 1ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 2019.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**, 1ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

TOMASELLI, T. Amor e Paixão sob a lente da Psicanálise. **Rede Psi** [site], 1 mar. 2008. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2008/03/01/amor-e-paix-o-sob-a-lente-da-psican-lise>. Acesso em: 14 de fev. 2024.

ZALCBERG, M. **Amor Paixão Feminina**. 1ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Campus/Elsevier, 2007.